

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC MAURICIO ROCHA FÉRES

OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO:
Uma nova ótica pela lente da Teoria dos Quatro Discursos

Rio de Janeiro

2024

CC MAURICIO ROCHA FÉRES

OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO:

Uma nova ótica pela lente da Teoria dos Quatro Discursos

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Política e Estratégia Marítimas.

Orientador: CMG (RM1-FN) Mello

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

DEDICATÓRIA

Dedico este projeto a todos meus professores e, em especial, ao CMG (RM1-FN) Mello, com quem aprendi os primeiros fundamentos do tema, e que sempre dispôs de paciência para me conduzir nessa jornada. Dedico também a meus pais que foram os primeiros a acreditar em mim e me deram todo suporte material, espiritual e emocional desde o início de minha carreira; à minha esposa Rejane, fiel companheira, que esteve sempre do meu lado nos momentos de alegria e de angústia e, por fim, aos meus filhos, João Pedro, Francisco, Bento, Antônio e Bernardo, que emprestaram minha presença para que, debruçado sobre os livros, eu pudesse dedicar um justo tempo para realizar este trabalho.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora que me deram força e inspiração para levar a termo este trabalho; à minha esposa Rejane e meus filhos João Pedro, Francisco, Bento, Antônio e Bernardo pelo apoio e paciência com as constantes ausências necessárias para a produção desta dissertação; ao CMG (Rm1-FN) Mello pelas constantes e necessárias orientações durante o árduo processo; ao meu amigo e também professor Thiago Andrade, pela ajuda na elucidação do tema dos Quatro Discursos de Aristóteles, e aos meus pais que sempre torceram e rezaram por mim desde o início de minha carreira. Por fim, agradeço a Escola de Guerra Naval, seus oficiais e praças, por me proporcionarem todo ambiente propício para o crescimento profissional e intelectual neste ano de estudos.

“O segredo é da natureza mesmo do poder”, dizia René Guénon. Quem ignore essa regra hoje em dia está condenado a servir de instrumento cego e dócil para a realização de planos políticos de enorme envergadura que lhe permanecem totalmente invisíveis e inacessíveis.

Olavo de Carvalho

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é explorar a aplicação da Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles conforme identificado por Olavo de Carvalho aplicado à Doutrina de Operações de Informação das Forças Armadas Brasileiras, focando principalmente nas Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) que influenciam a perspectiva cognitiva. Esta investigação visa aprimorar a eficácia das Operações Psicológicas, Atividades de Comunicação Social e Ações Civis, através de uma compreensão aprofundada de como os discursos poético, retórico, dialético e analítico moldam a percepção e a decisão humanas. Iniciamos com um exame detalhado da atual Doutrina de Operações de Informação no Brasil, destacando seu desenvolvimento e as influências históricas que moldaram suas práticas atuais. A teoria aristotélica do conhecimento é então explorada para fundamentar como o conhecimento é construído, oferecendo uma base para entender os efeitos específicos dos quatro discursos dentro do contexto da perspectiva cognitiva das Operações de Informação. A análise detalhada revela que, enquanto os discursos retórico e analítico tem presença predominante na doutrina brasileira, o discurso poético, apesar de sua capacidade de influenciar profundamente e de maneira duradoura, é notavelmente subutilizado. Isso aponta para uma oportunidade significativa de integrar mais plenamente o discurso poético nas estratégias de Operações de Informação para alcançar uma influência mais holística e culturalmente ressonante sobre o público-alvo. Ao final, recomendamos meios para incorporar mais efetivamente todos os quatro discursos na doutrina, com ênfase especial no reforço do discurso poético. A integração proposta visa não apenas ampliar a eficácia operacional, mas também alinhar as Operações de Informação brasileiras com práticas contemporâneas que valorizam narrativas emocionais e culturalmente significativas.

Palavras-chave: Teoria dos Quatro discursos de Aristóteles. Operações de Informação. Olavo de Carvalho. Capacidades Relacionadas à Informação.

ABSTRACT

INFORMATION OPERATIONS: A New Perspective through the Lens of the Theory of the Four Discourses

The central objective of this work is to explore the application of Aristotle's Theory of the Four Discourses as identified by Olavo de Carvalho to the Doctrine of Information Operations of the Brazilian Armed Forces, focusing primarily on the Information-Related Capabilities (IRC) that influence the cognitive perspective. This investigation aims to enhance the effectiveness of Psychological Operations, Social Communication Activities, and Civil Actions through a deep understanding of how the poetic, rhetorical, dialectical, and analytical discourses shape human perception and decision-making. We begin with a detailed examination of the current Doctrine of Information Operations in Brazil, highlighting its development and the historical influences that have shaped its current practices. Aristotle's epistemological theory is then explored to establish how knowledge is constructed, providing a foundation for understanding the specific effects of the four discourses within the context of the cognitive perspective of Information Operations. The detailed analysis reveals that while rhetorical and analytical discourses have a predominant presence in Brazilian doctrine, the poetic discourse, despite its capacity to influence profoundly and enduringly, is notably underutilized. This points to a significant opportunity to more fully integrate the poetic discourse into Information Operations strategies to achieve a more holistic and culturally resonant influence on the target audience. In conclusion, we recommend means to more effectively incorporate all four discourses into the doctrine, with special emphasis on reinforcing the poetic discourse. The proposed integration aims not only to enhance operational effectiveness but also to align Brazilian Information Operations with contemporary practices that value emotionally and culturally significant narratives.

Keywords: Aristotle's Theory of Four Discourses. Information Operations. Olavo de Carvalho. Information-Related Capabilities.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BBC	<i>British Broadcasting Corporation</i>
CDC	<i>Centers for Disease Control and Prevention</i>
CIDOC	Comissão Interescolar de Doutrina de Operações Conjuntas
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
CRI	Capacidade Relacionada à Informação
ONG	Organização Não Governamental
OODA	Observar, Orientar, Decidir e Agir

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO E TEORIAS ARISTOTÉLICAS	14
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO BRASILEIRA.....	14
2.2 A TEORIA DO CONHECIMENTO	16
2.3 A TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS.....	18
3 A APLICAÇÃO DOS QUATRO DISCURSOS À DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS.....	24
3.1 O DISCURSO POÉTICO NA PERSPECTIVA COGNITIVA DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO.....	24
3.2 O DISCURSO RETÓRICO COMO UMA ARTE DE PERSUAÇÃO.....	28
3.3 O DISCURSO DIALÉTICO E A CONTRAPROPAGANDA	31
3.4 O DISCURSO LÓGICO OU ANALÍTICO E A DESINFORMAÇÃO.....	34
4 ASCENDÊNCIA DO DISCURSO POÉTICO E SUGESTÕES PARA APLICAÇÃO DA DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO	38
5 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo de conflitos e guerra híbrida, não é apenas a guerra convencional que ocupa a atenção das Forças Armadas, mas também a dimensão informacional, que ocupa um espaço essencial na estratégia militar. A Doutrina de Operações de Informação das Forças Armadas Brasileiras reflete esta realidade, tratando a informação como um elemento importante das operações de guerra convencional e como um elemento fundamental nas campanhas psicológicas e de comunicação social. Desta forma, a informação tornou-se um elemento primordial na Era do Conhecimento e uma ferramenta poderosa para influenciar o ciclo OODA¹ do oponente.

Este trabalho investiga a possibilidade de aplicação da teoria dos quatro discursos de Aristóteles (poético, retórico, dialético e analítico), enunciada pelo filósofo Olavo de Carvalho, na estrutura dessas operações, com o intuito de compreender melhor a função e os efeitos dos quatro possíveis discursos na psiquê humana, com o apoio da Teoria do conhecimento também de Aristóteles, gerando assim meios de maximizar a eficácia das Operações Psicológicas, Atividades de Comunicação Social e Ações Civas, que são as três Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) mais afetas à perspectiva cognitiva das Operações de Informação.

Atribui-se a Ésquilo uma frase que diz: “Na guerra a verdade é a primeira vítima” (Brasil, 2019, p. 2-1). Esta constatação demonstra por si quanto a informação pode interferir na balança de um conflito. Entendemos hoje por verdade a união de três concepções:

A latina (*veritas*) que se trata de uma conformidade entre o intelecto e a realidade, portanto a precisão de um testemunho (Dunker, 2020); a concepção grega de verdade (*alethéia*), que traz o significado de não-oculto ou não-escondido (Chauí, 2000), ou seja, a verdade é enunciada pelo próprio objeto que se revela; e por fim, a concepção hebraica (*emunah*) que traz a ideia da confiança da promessa (Dunker, 2020), de tal forma que a verdade tem um componente de idoneidade testemunhal, assim, um amigo verdadeiro, ou um Deus verdadeiro é aquele que

¹ O ciclo OODA (Observar, Orientar, Decidir e Agir) é um conceito desenvolvido pelo coronel John Boyd, um teórico militar da Força Aérea dos Estados Unidos. Esse ciclo descreve o processo de tomada de decisão em situações de combate e pode ser aplicado em diversos contextos, incluindo negócios e esportes (Araújo, 2005)

cumpra sua promessa (Chauí, 2000). Neste trabalho, investigaremos como os quatro níveis do discurso podem influenciar na manutenção da verdade, e como estes mesmos níveis podem atuar gerando falsidade, ilusão e mentira conforme o próprio Dunker (2020) descreve.

Para fundamentar a proposta deste trabalho, iniciaremos fazendo uma contextualização da doutrina de Operações de Informação Brasileira, com foco nas CRIs mais afetas à perspectiva cognitiva no primeiro capítulo, para que possamos entender em que ponto de desenvolvimento ela se encontra.

No segundo capítulo abordaremos a Teoria do Conhecimento de Aristóteles para que entendamos, segundo o filósofo, como se dá a construção do conhecimento e, em um segundo tópico dentro do capítulo, enunciaremos a Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles de forma que possamos compreender os quatro níveis do discurso, a saber, o poético, o retórico, o dialético e o analítico, entendendo suas peculiaridades e suas funções na psiquê humana.

O terceiro e o quarto capítulo são o grande núcleo do trabalho, onde primeiramente faremos uma análise da perspectiva cognitiva da Doutrina de Operações de Informação por meio da Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles, buscando encontrar quais e de que maneira os níveis dos discursos são aplicados, e no quarto capítulo, explicitaremos a preterição do discurso poético na atual doutrina e realizaremos recomendações para o aprimoramento da perspectiva cognitiva da Doutrina de Operações de Informação visando utilizar a Teoria dos Quatro Discursos para obter uma maior eficácia nas ações.

No decorrer do trabalho, buscamos trazer casos práticos e analisamos operações passadas com a finalidade de destacar a ínfima presença do discurso poético na presente doutrina e sugerindo, desde então, a importância de se buscar reformulações estruturais e doutrinárias para maior incorporação deste discurso, conferindo às Operações Psicológicas, principalmente, uma maior profundidade e ressonância cultural.

Essa abordagem não só alinha as Operações de Informação com as tendências contemporâneas de engajamento de narrativas emocionais e culturalmente significativas, mas também fortalece as capacidades de postura defensiva e ofensiva no âmbito da Guerra Informacional (Carvalho, 2013).

Por fim, este trabalho não pretende esgotar o assunto, mas sim jogar luzes sobre a importância do discurso poético, um tipo de discurso humano que, no

contexto das artes militares no Brasil, permanece ofuscado por uma filosofia positivista, que prioriza, por natureza e essência, um discurso de maior confiabilidade como o analítico, relegando o discurso poético a um papel infantil e irracional. No entanto, veremos que a confiabilidade não é a única característica do discurso a ser observada e, se por um lado a doutrina reconhece a importância da construção de narrativas, hoje ainda não confere a justa importância para as formas possíveis de construção do imaginário por meio do discurso poético.

2 DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO E TEORIAS ARISTOTÉLICAS

Neste capítulo iremos realizar primeiramente uma contextualização da Doutrina de Operações de Informação Brasileira, de forma a entendermos suas origens, como ela atualmente se organiza, seus principais conceitos, e explicitaremos a importância da Dimensão Informacional² no conflito. Em seguida abordaremos a Teoria do Conhecimento para que possamos entender como se forma o pensamento e o conhecimento na mente humana, e findaremos o capítulo enunciando a Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles, como apresentada por Olavo de Carvalho, de maneira que posteriormente a apliquemos à atual doutrina de Operações de Informação das Forças Armadas Brasileiras.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO BRASILEIRA

O objetivo do presente capítulo é fornecer ao leitor uma contextualização sobre os principais alicerces da Doutrina de Operações de Informação das Forças Armadas Brasileiras, direcionando a atenção para o recorte específico que este estudo abordará. Em que pese a recente sistematização das Operações de Informação como doutrina, o conceito em si não é uma novidade na história das guerras. O mais antigo tratado militar da história, intitulado como “A Arte da Guerra”, escrito por Sun Tzu aproximadamente em 500 a.C, já enfatizava a importância da informação em um contexto de conflito, proclamando que toda campanha militar repousa na dissimulação e sugerindo que não se poupe esforços em ofertar um engodo ao inimigo, atizando sua arrogância para que ela mesmo se vire contra ele (Tzu, 2015).

Nas próprias palavras de Maquiavel é possível observar a instrumentalização do discurso como um artifício de projeção de poder que visa o domínio de uma narrativa³:

² A dimensão informacional é o conjunto de indivíduos, organizações e sistemas no qual tomadores de decisão são utilizados para obter, produzir, difundir e atuar sobre a informação. (Brasil, 2019)

³ É uma sequência coerente e detalhada de uma história projetada para influenciar percepções, crenças e comportamentos de um público-alvo visando criar uma imagem ou ideia neste público que se alinhe com os objetivos de quem conduz a operação de informação, usando a comunicação para moldar e controlar a cognição pública (United States Army, 2007).

Portanto, um senhor sábio não pode nem deve guardar sua palavra quando isso é prejudicial a ele e quando as razões de ele ter dito o que disse já não existem mais. Se os homens fossem inteiramente bons, esse preceito não se manteria; mas, como são maus e não manterão a palavra deles com você, não há razão para que você também cumpra a sua. (Maquiavel, 2015, p.140)

Ainda em tempos do combate corpo a corpo, Musashi⁴(2015) já ressaltava a importância de provocar inquietação, atemorizar e provocar perturbação no combate, buscando confundir o espírito do adversário, demonstrando uma sensível habilidade psicológica que busca alterar a percepção do inimigo quanto a sua própria capacidade e do seu adversário.

Clausewitz também traz à tona a importância da informação durante o conflito ao dizer que no decorrer do conflito se estabelece um verdadeiro caos de informação e incerteza para ambos os lados e até mesmo dentro da própria força, quando ocorre ruído na comunicação que causa distúrbios na interpretação da informação, que flui entre o Comandante e seus comandados (Walker, 2024).

Portanto, podemos induzir que mesmo que não formalmente categorizado, o ardil, a dissimulação e a manipulação da informação sempre estiveram presente na história da guerra, uma vez que para além da sua aplicação no conflito, são estes artifícios características inerentes à natureza do ser humano, que por sua liberdade tem o poder de influir na apresentação da verdade.

Contudo, somente em 1996 que o conceito de Operações de Informação foi formalmente reconhecido, após um longo tempo de existência velada, devido à resistência dos Estados Unidos da América em admitir que sua influência começava antes mesmo do início do conflito, em tempo de paz. É importante ressaltar que, apesar de estar disponível de forma ostensiva alguns manuais de doutrinas no Ocidente, o assunto permanece envolto em sigilo em diversas partes do mundo (Brasil, 2018).

Conforme estabelecido pela Doutrina de Operações de Informação da Marinha do Brasil (2018), as Operações de Informação visam atuar na Dimensão Informacional⁵ com o objetivo de moldá-la e assim afetar o processo de tomada de decisão do adversário (Brasil, 2018).

⁴ Myamoto Musashi foi um espadachim japonês do século 17 conhecido por sua singular habilidade no combate por espadas e autor da obra “o livro dos cinco anéis”, um tratado sobre estratégia, tática e filosofia que até hoje é amplamente estudado. (Musashi, 2015)

O Glossário das Forças Armadas (2015) por sua vez conceitua as Operações de Informação como “ações coordenadas que tem o propósito de influenciar um oponente real ou potencial, diminuindo sua combatividade, coesão interna e externa e capacidade de tomada de decisão” (Brasil, 2015, p.196).

As Operações de Informação inauguram assim uma outra dimensão possível da guerra, onde antes mesmo do embate físico é possível influenciar as concepções da verdade não só do inimigo, mas também de um novo personagem que ganhou bastante importância desde que adentramos na Era da Informação: A opinião pública.

De forma mais ampla, as Operações de Informação compreendem uma variedade de atividades e ferramentas com potencial de influenciar qualquer uma das três perspectivas da dimensão informacional física, cognitiva e informacional. Isso inclui desde ataques físicos, ações cinéticas e ações não-cinéticas conhecidas como Capacidades Relacionadas à Informação (CRI). Em que pese as divergências conceituais com relação às CRI, neste trabalho abordaremos o conceito e a divisão adotada pelas Forças Armadas Brasileiras, mais especificamente o previsto no EMA-335 – Doutrina de Operações de Informação da Marinha do Brasil (2018), que destaca as seguintes Capacidades Relacionadas à Informação: Operações Psicológicas, Ações de Guerra Eletrônica, Ações de Despistamento, Ações Cibernéticas, Segurança da Informação, Destruição Física e Atividades de Comunicação Social, contudo o interesse principal deste trabalho está nas CRI que mais influenciam na perspectiva cognitiva da dimensão informacional, nomeadamente as Operações Psicológicas, Atividades de Comunicação Social e Assuntos Cíveis.

2.2 A TEORIA DO CONHECIMENTO

A palavra grega *psiquê* e seu correspondente latino *ânima* significam alma, ou seja, aquilo que dá vida e anima o homem. Longe de sua conotação religiosa contemporânea, discutir a perspectiva cognitiva das Operações de Informação é adentrar na arte de manipular o núcleo vital do ser humano, seja de

forma profunda ou superficial, por um período longo ou breve, em nível comportamental ou cultural dependendo do objetivo psicológico⁶ a ser alcançado.

Neste contexto a linguagem surge como uma ferramenta de poder simbólico capaz de moldar as convicções humanas por meio do discurso. Aristóteles apontava que “as palavras que usamos expressam as ideias que pensamos” (Adler, 2010, p. 133), e estas expressam nossas opiniões, independente da sua veracidade. Assim, se temos uma asserção verdadeira sobre algo, isso é conhecimento; se falsa, é erro. Portanto não podemos estar errados sobre algo e termos conhecimento desta mesma coisa simultaneamente, ou seja, podemos ter opiniões equivocadas, mas ter um conhecimento incorreto é uma impossibilidade (Adler, 2010).

Esta visão clássica destaca o campo de atuação das Operações de Informação. Enquanto é impossível induzir o inimigo a ter um conhecimento falso, é viável, por meio de artifícios linguísticos, conduzi-lo a percepções equivocadas, influenciando assim suas decisões e comportamentos dentro do espectro de possibilidades prevista por nossa força.

Contudo, de acordo com a filosofia aristotélica, como se forma o pensamento e como esse processo pode ser influenciado? Segundo Aristóteles (350 a.C), nada na mente do homem surge sem primeiro passar pelos sentidos. Cada sentido funciona como um receptor especializados que capta ações físicas do mundo exterior e produz sensações que são como a matéria-prima do que chamamos de experiência sensível. Esta experiência por sua vez é o resultado do trabalho da nossa percepção (Adler, 2010).

Olavo de Carvalho (2013) afirma que o conhecimento não vem somente da experiência ou isoladamente da razão. O conhecimento vem de uma estruturação por meio da razão de uma experiência que ficou depositada na memória e em sequência foi depurada pela imaginação.

Mortimer J. Adler (2010) explica que as sensações são uma informação que chegam a nós do exterior e são sintetizadas internamente para formar o que chamamos de experiência sensível. Essa síntese por sua vez é realizada pela percepção, que utiliza de duas outras faculdades humanas, a memória e a imaginação.

⁶ Objetivo psicológico é uma declaração que especifica a reação que se espera obter do público-alvo como resultado das campanhas de operações psicológicas. Deve definir, identificar ou descrever com precisão as mudanças de atitudes ou de comportamentos desejadas (Brasil, 2018)

Até aqui estabilizamos o conhecimento de que não há nada na mente humana que não tenha antes adentrado pelos seus sentidos e que esses sentidos não conhecem por si só o objeto de sua atenção, mas antes precisam juntar as informações obtidas para formar assim o que chamamos de experiência sensível.

No entanto, ao voltarmos a nos perguntar o que é o pensamento, podemos afirmar categoricamente que ele não é formado apenas por sensações. Adler (2010) em sua obra “Aristóteles para todos” nos mostra que ao percebermos um cão ou um gato preto na rua fazemos duas operações diferentes. A identificação da cor é fruto da sensação, pois nossa visão aprende a distinguir o vermelho do preto por uma simples operação sensitiva da visão, mas não é bem de forma sensitiva que diferenciamos um cão de um gato, uma vez que os diferenciamos por meio da ideia ou da compreensão da natureza desses entes. Ao compreendermos o que é um cão, um gato, uma mesa, ou um sofá estamos tendo na mente a forma⁷ desses entes e não apenas absorvendo dados sensitivos.

Este processo, em que a mente transforma formas percebidas em ideias abstratas, é o cerne da Teoria do Conhecimento de Aristóteles. Ele delineia como absorvemos dados externos por meio dos sentidos e os transformamos em imagens na imaginação, ou em *phantasmata* para utilizar uma palavra mais próxima da que Aristóteles empregou. É da combinação dessas imagens que formamos em nossa mente os conceitos universais, que por sua vez permitem a realização de operações da razão, levando a um conhecimento mais profundo e abrangente sobre a natureza das coisas. A passagem do sensível ao inteligível, do particular até o universal, é essencial na teoria aristotélica e representa uma progressão gradual do conhecimento que culmina na compreensão de verdades fundamentais.

2.3 A TEORIA DOS QUATRO DISCURSOS

Compreendendo como Aristóteles descreve a formação do conhecimento humano, podemos explorar a Teoria dos Quatro Discursos, essencial neste trabalho, para a análise da Doutrina de Operações de Informação Brasileira. Esta teoria, enunciada pelo filósofo Olavo de Carvalho, após uma análise detalhada

⁷ Essência necessária ou substância das coisas que têm matéria. Nesse sentido, que está presente em Aristóteles, Forma não só se opõe à matéria, mas a pressupõe.

da obra de Aristóteles, sugere que as obras “Poética”, “Retórica”, “Dialética” e “Lógica, deste mesmo autor, são fundadas em princípios comuns e formam uma ciência única. Nesta mesma obra, o autor descreve o discurso humano como uma potência única que se manifesta de quatro formas distintas: poética, retórica, dialética e analítica ou lógica (Carvalho, 2013). Esta diversidade não implica uma hierarquia entre os discursos, mas sim uma articulação de funções que são igualmente necessárias para a formação completa do conhecimento.

Esses discursos servem como ferramentas fundamentais para a análise subsequente da Doutrina de Operações de Informação na sua, especialmente no contexto das Operações Psicológicas, Atividades de Comunicação Social e Assuntos Cíveis. Cada discurso, conforme explicado por Olavo de Carvalho, aborda uma maneira distinta pela qual o homem pode influenciar a mente e o processo de tomada de decisão de outro, tendo cada um seu próprio modo de operação e nível de credibilidade (Carvalho, 2013).

De acordo com Aristóteles, o ser humano tem uma propensão natural à imitação desde a infância, sendo o mais imitativo dentre todos os animais. É desta forma mimética que ele obtém seus primeiros conhecimentos (Aristóteles, 2011). Por isso inclusive, temos uma maior facilidade em aprender com modelos do que tentando extrair um padrão teórico das coisas. Primeiro imitamos, depois teorizamos.

E não são só os modelos materiais e do nosso convívio que imitamos, mas também os modelos fantásticos que chegam até nós por histórias, contos, mitos e literatura. A Poética, por exemplo, lida principalmente com o que é possível e apela, primeiramente à imaginação, isto é o que advoga também Benedetto Croce ao enfatizar que “Se a sensação não representasse nada, o homem não pensaria. Se não fosse um espírito fantástico, também não seria lógico”. (Croce, 1909, p.8)

A poética não tem nenhum compromisso com a realidade, mas visa antes criar os fantasmas na imaginação humana conforme explicamos no parágrafo acima que aborda sobre a Teoria do Conhecimento. É por meio da característica mimética do aprendizado humano que o discurso poético busca influenciar a mente humana, gerando nele símbolos que normalmente ficam em um nível menos consciente e que sofre menos o bloqueio da racionalidade, de tal forma que o homem transforma em arte o que experimentou na vida, mas também faz o caminho inverso imitando na vida o que conheceu pela arte.

Na obra “Retórica”, Aristóteles nos fornece a arquitetura do segundo discurso de mesmo nome. Segundo o próprio filósofo, a retórica é a faculdade de identificar em cada situação o que há de próprio para deste ponto criar persuasão (Aristóteles, 2010).

O discurso retórico tem como objeto o que é verossímil e visa formar uma crença firme que move a vontade do ouvinte por meio da persuasão, que é um instrumento psicológico que se baseia nas crenças comuns. (Carvalho, 2013).

É crucial distinguir entre o discurso poético, que fala à imaginação para formar cosmovisões, e o retórico, que busca uma decisão apelando à vontade do ouvinte. Embora o discurso retórico deva ser unívoco para manter sua eficácia, o poético não guarda esta necessidade, uma vez que permite múltiplas interpretações, trabalhando com a presença ou ausência de certas possibilidades para obter uma influência mais holística.

Os discursos Dialético e Analítico foram por muito tempo, visto como desconectados dos dois primeiros. A organização clássica feita por Andrônico de Rodes⁸ enfatizou o pensamento racional e partiu dele para cima, como se uma ciência dos conceitos fossem a causa de si mesmo ignorando que, para sua existência, essa ciência requer, como condição prévia, uma ciência das imagens. Foi assim que o Ocidente praticamente relegou os estudos da retórica e da poética para os professores e gramáticos concentrando todos seus esforços nos discursos dialéticos e lógicos (Carvalho, 2013).

O discurso dialético apresenta-se como o terceiro degrau da Teoria dos Quatro Discursos, onde depois de passar pelo que é possível, por meio da imaginação (discurso poético), e chegarmos ao que é verossímil (discurso retórico), podemos confrontar diversas retóricas com o intuito de nos aproximarmos da verdade mais provável. O discurso lógico ou analítico por sua vez é o monólogo do mestre, que fala de certezas demonstráveis por recursos racionais, e que se em algum instante se prova como falho, precisa descer um degrau em direção ao discurso dialético para novos confrontos. Como na Antiguidade e na Idade Média arte e ciência se interlaçavam, de tal forma que a arte guardava proporções matemática e a ciência conservava uma simbólica, não é difícil concluir que apesar

⁸ Décimo primeiro discípulo peripatético e um dos últimos alunos do Liceu famoso por publicar as obras de Aristóteles na organização que conhecemos hoje (Porfírio, 2024)

de não haver uma unidade material no *Organon*⁹, havia uma unidade implícita no pensamento dos leitores das obras de Aristóteles.

Embora a poética e a retórica não compusessem o *Organon*, somente no século 16, com o racionalismo clássico, que impôs a primazia de uma ciência integralmente dedutiva, que começaram a ser vistas como assuntos separados, em contraposição à grandes estudiosos das obras de Aristóteles na Idade Média, como Santo Tomás de Aquino e Santo Alberto Magno, que sempre guardaram uma consciência da unidade dos discursos. Desse maneira, olhando especificamente para o discurso dialético, Olavo de Carvalho ressalta que diferente do discurso poético e retórico, ele já não se limita a sugerir ou outorgar alguma crença, mas antes busca testá-las com o objetivo de confrontar a opinião dos sábios para que se depure a verdade (Carvalho, 2013).

O discurso dialético requer menos confiança inicial do ouvinte que os discursos anteriores, pois saindo da esfera da possibilidade e da verossimilhança já adentra ao universo da probabilidade. No entanto, este discurso requer que o ouvinte siga a lógica do argumento e aceite como verdadeira as conclusões que foram obtidas por meio da lógica do discurso, o que deixa o discurso profundamente dependente da capacidade cultural do ouvinte bem como da sua honestidade intelectual. (Carvalho, 2013).

Podemos então deduzir que a dialética como instrumento de convencimento tem uma estreita ligação com a busca do ouvinte pela verdade e, que apesar de ele apresentar uma maior credibilidade que os dois discursos anteriormente citados, ele pressupõe que ambos tenham acontecido antes, afinal, como se confronta dialeticamente o que ainda não adentrou pelos sentidos e criou imagens na imaginação (poética)? E que sentença poderia ser confrontada sem antes ter sido a opinião de alguém (retórica)?

Por fim chegamos ao quarto e último discurso, o discurso analítico, que tem como objetivo alcançar uma certeza apodítica¹⁰. Este discurso por sua vez ocupou grande parte da atenção do Ocidente, sobretudo com o advento do pensamento crítico e da metodologia científica.

⁹ Nome dado ao conjunto das obras sobre a lógica formal de Aristóteles (Bini et.al,2016)

¹⁰ Do grego *apodeiktikós*, refere-se à uma necessidade lógica, da mesma forma que encontramos nas demonstrações. Refere-se à necessidade de um fato, a certeza de uma possibilidade. (Comte-Sponville, 2011)

Olavo de Carvalho analisa que o discurso lógico ou analítico contém algumas dependências, uma vez que é necessário partir de premissas admitidas por ambas as partes e depende também da qualificação do ouvinte para acompanhar o raciocínio lógico da questão proposta (Carvalho, 2013).

Como as certezas universais são muito poucas, em que pese a importância da ciência no mundo moderno, o espectro do discurso analítico é profundamente mais restrito que dos discursos anteriores, e tem por natureza uma profunda dependência das premissas, de tal forma que um raciocínio pode ser perfeitamente lógico sem necessariamente ter uma existência no mundo real.

Resta-nos agora pontuar qual a disposição psicológica do ouvinte diante de cada um dos quatro tipos de discurso.

Ao ouvinte do discurso poético “cabe afrouxar sua exigência de verossimilhança” (Carvalho, 2013, p.32).

É necessário que o ouvinte tenha uma suspensão de crença e admita a possibilidade da ocorrência do apresentado para que ele possa colher a verdade universal apresentada por aquele discurso, que não necessariamente contém verdades particulares.

O discurso retórico convoca o ouvinte para exercer sua liberdade e, por meio da faculdade humana da vontade, exercer um juízo que o leve a uma decisão, já o ouvinte do discurso dialético, nas palavras do filósofo Olavo de Carvalho, “não defende um partido, mas investiga uma hipótese” (Carvalho, 2013, p.33). Ele é convocado a adentrar nas regras de uma lógica e admitir a probabilidade da veracidade de uma sentença que foi sucessivamente confrontada. Por fim o discurso analítico não tem propriamente uma discussão, mas apenas uma demonstração linear de uma conclusão que partiu de premissas que foram antes admitidas como verdadeiras e, por meio da silogística, não tem a possibilidade de estarem erradas. (Carvalho, 2013).

Ao concluir este capítulo, depois de já enunciado os quatro tipos de discurso percebemos que eles não são isolados e são complementares, de forma que não se chega aos maiores níveis de credibilidade sem que as etapas anteriores tenham realizado suas funções. Percebemos também que de forma alguma os maiores níveis de credibilidade (dialético e analítico) inferiorizam as funções dos discursos de menor nível de credibilidade (poético e retórico), pois dentro do edifício da linguagem eles realizam operações específicas que não são englobadas pelos discursos

subsequentes. Dada a organização e priorização das obras aristotélicas, as obras que versam sobre o discurso dialético e retórico tiveram o protagonismo na história do Ocidente, o que levou o discurso poético e retórico a se limitarem à uma “poética em si” e uma “retórica em si” que antes ficaram restritos ao universo dos gramáticos e juristas respectivamente, perdendo o entendimento da sua conexão na unidade dos discursos. É neste contexto de fragmentação do conhecimento da unidade dos quatro discursos que este trabalho busca à luz da teoria dos quatro discursos de Aristóteles trazer uma nova visão da perspectiva cognitiva das Operações de Informação, analisando a Doutrina Brasileira com as lentes dessa teoria, identificando os tipos de discurso empregados nas ferramentas da doutrina e abrindo a possibilidade para que elas sejam aprimoradas.

3 A APLICAÇÃO DOS QUATRO DISCURSOS À DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

Dentro do contexto das Operações de Informação, três Capacidades Relacionadas à Informação (CRI) se apresentam como mais sensíveis aos efeitos do discurso e da linguagem. Tanto as Operações psicológicas como as Atividades de Comunicação Social e de Assuntos Cívicos operam em uma esfera onde a manipulação do ambiente informacional tem o poder de moldar a realidade percebida pelo público-alvo. Cada tipo de discurso oferece uma perspectiva única e uma ferramenta distinta para influenciar esse ambiente.

A importância de integrarmos a teoria dos quatro discursos à doutrina de Operações de Informação reside na capacidade destas operações alcançarem uma maior eficácia por meio do uso consciente de cada discurso, onde o discurso poético atue na construção de narrativas envolventes que ressoem com os valores e culturas do público, o discurso retórico, com seu foco na persuasão, atue na formação de opiniões e atitudes, o discurso dialético permita o teste da veracidade das ideias por meio do debate e do confronto e por fim, o discurso lógico ou analítico, fortaleça a base argumentativa, assegurando que as políticas e ações estejam fundamentadas em premissas sólidas e inquestionáveis.

Desta forma, abordando a doutrina de Operações de Informação com as lentes dos quatro discursos, não só aprimoramos a compreensão e execução dessas operações, mas potencializamos sua capacidade de atuar de forma decisiva e legítima no cenário nacional e internacional. Abaixo exploraremos cada discurso em detalhe, aplicando-os especificamente aos contextos das Operações Psicológicas, Atividades de Comunicação Social e Assuntos Cívicos.

3.1 O DISCURSO POÉTICO NA PERSPECTIVA COGNITIVA DAS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

De acordo com o Compêndio de Notas Escolares da Comissão Interescolar de Doutrina de Operações Conjuntas (CIDOC) número 007 de 2022, existem duas formas de influenciar o comportamento de um indivíduo, por meio do consentimento ou da identificação. O consentimento é uma forma mais simples e momentânea de

mudança do comportamento, pois é fruto de uma decisão consciente como consequência de uma sedução ou ameaça. A identificação, por sua vez, tem como principal característica uma mudança de comportamento mais confiável e duradoura e neste caso, o público-alvo aceita a mensagem por ela ser compatível com seus valores (Brasil, 2022).

Olavo de Carvalho afirma que, ao ouvinte do discurso poético, cabe relaxar sua exigência de verossimilhança, admitindo-a de forma mais flexível, assumindo que as desventuras de um herói trágico poderiam ter acontecido com ele ou com qualquer outro homem, ou seja, as circunstâncias estão no campo das possibilidades humanas (Carvalho, 2013). Carvalho afirma também que “é a imaginação que faz a ponte entre o conhecimento sensorial e o pensamento lógico” (Carvalho 2013, p.49) e ainda explica que o pensamento lógico não opera diretamente sobre os dados sensíveis da realidade, mas sim em uma parte selecionada e simplificada desta realidade que é depositada na memória como imagens, concluindo que “o pensamento só age desde um certo nível de generalidade para cima” (Carvalho, 2013, p.49).

O discurso poético, como atua na imaginação, exerce uma influência na cosmovisão do ouvinte antes mesmo da entrada em cena do pensamento crítico, de tal forma que atua como uma identificação e não um consentimento.

De acordo com a Teoria do Conhecimento de Aristóteles, o discurso poético atua na imaginação gerando fantasmas e combinando-os em um espectro de possibilidades antes mesmo que o pensamento crítico possa depurá-los. Os símbolos que se formam na mente humana recrutam as emoções antes mesmo que a razão possa depurar se a informação é verdadeira ou falsa. Desta forma, ao assistir um filme, por exemplo, qualquer pessoa se põe a torcer, imaginar e fazer projeções sobre seu herói antes mesmo de trazer à sua consciência se aquela circunstância é verossímil ou não.

O discurso poético gera impressões mais profundas e duradouras porque trabalha na própria matéria-prima do pensamento que são as imagens ou fantasmas, que o pensamento utiliza para elaborar seus raciocínios, exatamente como na influência do tipo identificação. Com este raciocínio podemos perceber como o recurso da poética é promissor na arte do convencimento, podendo ser uma ferramenta muito útil para exercer a persuasão nas operações psicológicas e

atividades de comunicação social quando se dispõe de tempo para moldar o imaginário do público-alvo.

Mesmo que de uma forma empírica, o Compêndio de Notas Escolares do CIDOC ressalta que preferencialmente as Operações Psicológicas devem participar do esforço de comunicação no nível estratégico, podendo os resultados variarem quanto ao prazo, e empregarem recursos de comunicação de massa e de grande cobertura, como a televisão, a internet e redes de emissoras de rádio, podendo contar com a influência de formadores de opinião e líderes (Brasil, 2022).

Freud em sua obra “Psicologia das massas e análise do eu”, qualifica que na massa há um predomínio da personalidade inconsciente, e os sentimentos e pensamentos se orientam na mesma direção do contágio e da sugestão, ou seja, na massa, o indivíduo fica de certa forma desprovido de vontade, adquirindo um certo estado hipnótico (Freud, 2021, p.47). Adiciona ainda que “a massa é impulsiva, instável e irritável. Ela é guiada quase que exclusivamente pelo inconsciente” (Freud, 2021, p.49). Assim, nas massas o pensamento transcorre por imagens que se associam umas às outras como ocorre em um livre fantasiar e não há nenhuma racionalidade que afere sua correspondência com a realidade (Freud, 2021, p.50).

Carvalho (2013) ressalta que o discurso poético requer como uma condição preliminar uma comunhão de língua e linguagem entre o poeta e o ouvinte para que haja uma participação consentida no discurso onde o sentido é apreendido instantaneamente sem grandes mediações intelectuais.

Podemos entender disso tudo que o discurso poético é uma ferramenta bastante eficaz para atuar nas massas, uma vez que em personalidades inconscientes é mais fácil de se atuar no imaginário, gerando imagens e crenças que possam perdurar por bastante tempo sem que racionalmente sejam questionadas. A forma lenta de atuar do discurso poético o desqualifica para aplicações no nível tático e operacional, mas a durabilidade dos seus efeitos o tornam bastante interessante nos níveis político e estratégico.

A preferência pela participação das Operações Psicológicas no nível da comunicação estratégica¹¹ se explica pela natural volatilidade dos efeitos psicológicos da propaganda se ela se insere apenas nos níveis operacional e tático,

¹¹ É uma função da comunicação organizacional em busca de confiança mútua, construindo credibilidade, valorizando a dimensão social da organizacional, enfatizando sua missão, seus propósitos e princípios, ou seja, fortalecendo a imagem institucional (Brasil, 2021, p.19).

buscando influir apenas na vontade do seu oponente. O discurso poético tem o poder de influir no sistema de valores do indivíduo sem que a razão interfira na depuração da mensagem, uma vez que ele exerce sua influência na psiquê por meio do imaginário, de forma que o transmissor da mensagem atua no mundo das possibilidades de pensamento do seu ouvinte.

Conforme discutido por Barthes (1957) e Givens (2002), símbolos visuais, que são ferramentas poderosas de comunicação não verbal, são ferramentas poderosas capazes de evocar emoções profundas e fomentar identificação cultural sem a necessidade de uma persuasão explícita. Por exemplo, de acordo com Franco (2014), no início do Plano Real, a introdução de uma nova moeda não serviu somente para estabilização da economia, mas também foi uma ferramenta de conscientização ambiental uma vez que as imagens de heróis nacionais foram substituídas por animais brasileiros ameaçados de extinção. Adicionalmente a este propósito, atrelar uma nova imagem à moeda gera uma sensação de recomeço e trazendo uma esperança de que a nova fase será melhor que a anterior.

O exemplo supracitado explicita o modus operandi de um discurso poético. Na esteira da “ECO 92”¹², que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, a mudança sutil de imagens em cédulas monetárias causou um intenso efeito psicológico na população brasileira como uma estratégia ambientalista com o objetivo de mudar o centro de interesse da população sem que isso sofresse constantes inquirições por parte do pensamento crítico.

Nestes exemplos podemos ver como o discurso poético pode ser empregado para moldar uma cosmovisão, desde que se disponha de tempo e extrapole o nível tático da operação, buscando a identificação e não simplesmente o convencimento.

Outro grande exemplo que podemos utilizar para demonstrar a força do discurso poético na formação do imaginário popular é o polêmico lançamento no Brasil da novela “Roque Santeiro”¹³. A referida novela trazia uma série de quebras

¹²A ECO 92, também conhecida como Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), foi realizada no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992. Trata-se de um evento que reuniu líderes mundiais, ONG's e grupos de cidadãos que se reuniram para discutir sobre os desafios ambientais globais e desenvolver políticas para enfrentá-los. A conferência é famosa por resultar em documentos importantes como a Agenda 21, a Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e a criação das convenções sobre Diversidade Biológica e Mudança de Clima (ONU, 1992).

¹³“Roque Santeiro” é uma novela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo entre 1985 e 1986. Baseada na peça teatral “O Berço do Herói”, de Dias Gomes, a novela foi censurada pela ditadura militar em 1975 e só veio a ser exibida dez anos depois (Sanches, 2002)

de tabus nos costumes sociais, dentre eles, por exemplo, a introdução do direito ao divórcio. A novela deveria ter estreado no ano de 1975, mas por conta do regime militar foi censurada e só foi ao ar em 1985, tendo sido um grande sucesso de audiência. Três anos após o seu lançamento foi aprovada a Constituição de 1988 abordando uma série de direitos no âmbito familiar, sobretudo facilitando procedimentos legais em relação ao divórcio.

Também em 1871, após a derrota da França para a Prússia, e a consequente perda da Alsácia, o livro de Bruno Giordano passa a ser lido por toda a França. “Tour de France par deux enfants (1877)” é um símbolo incontestável do poder do discurso poético na identificação de todo um povo com uma causa. Esta obra insere no imaginário do povo francês, sobretudo das crianças, uma noção de pertença da Alsácia à França e lança os alicerces de um nacionalismo pautado na geografia. Este livro foi leitura de toda criança francesa até a Primeira Guerra Mundial (Dos Reis, 2017). É assim que o poeta na literatura cria, em suma, por meio da força de imagens e símbolos uma área de experiência imaginativa em comum, onde tanto os indivíduos e até mesmo as diferentes épocas podem se encontrar, vencendo no imaginário aquilo que está separado fisicamente na experiência real (Carvalho, 2015).

Desta forma vemos a força da literatura, televisão e do cinema na formação do imaginário de um povo, de tal forma que por ela percebemos o que é estável na imaginação de um certo grupo. A literatura sobretudo, quando clássica, perpassa gerações e acrescenta durabilidade a um certo tipo de cosmovisão, indo além de uma simples propaganda retórica que busca apenas o convencimento momentâneo.

3.2 O DISCURSO RETÓRICO COMO UMA ARTE DE PERSUASÃO

Aristóteles define a retórica como uma faculdade capaz de identificar, em cada caso, o que a situação tem de próprio para se criar a persuasão (Aristóteles, 2011).

Olavo de Carvalho (2016) amplia a compreensão da retórica ao afirmar que, no contexto moderno, ela engloba a criação de narrativas que se adaptam à estrutura psicológica e cultural do público-alvo.

É sobretudo nas Operações Psicológicas, nas Atividades de Comunicação Social e nos Assuntos Cíveis, CRIs da perspectiva cognitiva das Operações de Informação, onde identificamos estes princípios de construções de mensagens com o intuito de moldar percepções e incentivar comportamentos específicos.

De acordo com a Doutrina de Operações de Informação da Marinha do Brasil (2018), a vontade do oponente é o principal foco das Operações Psicológicas. Com o objetivo de levar o oponente à rendição, busca-se envolvê-lo em uma sensação de insegurança e impotência, levando-o a duvidar do seu êxito. Segundo Olavo de Carvalho (2013), o discurso retórico visa precisamente o verossímil, buscando produzir uma crença firme por anuência da vontade. Desta forma, podemos deduzir que a retórica, através da persuasão, é o caminho por excelência para moldar o comportamento do oponente a curto prazo, uma vez que, recrutando a vontade, conseguimos alcançar resultados comportamentais que não dependem das crenças mais profundas do indivíduo, bastando que transitoriamente ele permita que a sua vontade adote o proposto como uma escolha aceitável.

Analisando de acordo com o efeito das atividade das CRIs, o Manual de Campanha do Exército classifica como Atividade de Influência todas aquelas atividades onde o propósito seja influenciar a percepção, o comportamento e a atitude de um público-alvo atuando no âmbito da perspectiva cognitiva sobre a vontade de agir do público-alvo (Brasil, 2018).

Assim sendo, conseguimos posicionar onde efetivamente o discurso retórico atua, buscando uma influência de consentimento e não de identificação como no discurso poético. Ele não visa a formação das imagens, mas antes busca por meio das emoções e palavras de autoridade mover a adesão do indivíduo pela vontade. O discurso retórico é por excelência a forma empregada pelas propagandas nos níveis tático e operacional, onde não importa se o público-alvo crê profundamente na mensagem que desejamos transmitir desde que se comporte da maneira que planejamos.

O uso de panfletos lançados por aviões sobre o território inimigo com o objetivo de desencorajar a tropa do oponente na Segunda Guerra Mundial, bem como as técnicas de Bandwagon¹⁴ são bons exemplos de propagandas que fazem

¹⁴ Bandwagons são carroças circenses usado em desfiles e paradas musicais, deu-se então o nome de Técnica de Bandwagon para certos métodos que buscam atrair as massas fazendo uso da

uso do discurso retórico como forma de convencimento, fazendo pouco uso de alteração do imaginário, mas atuando firmemente na vontade do público-alvo.

No entanto, há uma ressalva importante quanto ao discurso retórico, que tem influência sobretudo no planejamento das Operações, no que tange à duração do seu efeito. Abordando sobre a psicologia das massas, Freud diz: “ Por mais que ela queira as coisas apaixonadamente, nunca as quer por muito tempo; ela é incapaz de uma vontade durável” (Freud, 2021, p.49).

Lima (2011) explica que o discurso retórico se baseia na verossimilhança, ou seja, o que não é necessariamente verdadeiro, mas tem aparência de verdade, e explica também que o termo “persuadir”, por sua vez, tem sua origem em *persuadere* (per + suadere), que significa aconselhar (suadere) de forma completa (per), e ainda acrescenta que um discurso retórico, que já atingiu um efeito persuasivo diante de um certo público-alvo, pode não produzir este mesmo efeito em outro momento sobre o mesmo ou outro público.

Assim sendo, podemos perceber que, não tendo o compromisso estrito com a verdade e agindo em curto prazo, o discurso retórico pode passear sobre as similaridades com a verdade, buscando de alguma forma aconselhar o ouvinte sobre a adoção de alguma sentença que tenha maior probabilidade de ser verdadeira por força do argumento. Como não se trata de uma prova cabal da verdade, o discurso retórico sempre abre margens no tempo para ser questionado, fazendo com que o efeito persuasivo tenha uma certa duração, podendo sempre ser questionado por um processo dialético mediante um novo discurso retórico, inclusive contrário, da mesma forma como diz um fragmento da obra “Antíope” de Eurípedes¹⁵: “Se alguém é hábil no falar, pode sustentar uma disputa de dois discursos opostos sobre qualquer assunto” (Lima,2011, p.39).

Uma outra característica do discurso retórico é que por ele não ter influência direta na formação de fantasmas do indivíduo, ele sempre é mais eficaz quando parte de crenças parcialmente já estabelecidas no público-alvo. O manual de campanha do Exército Brasileiro identifica esta situação ao afirmar que a ideia-força é um elemento essencial da propaganda e que ela diz respeito, sempre, a alguma coisa que, de alguma forma, é aceita ou desejada por todos. (Brasil, 2018).

tendência de conformidade que que tem os indivíduos pertencentes dela sempre buscando se alinhar com a maioria aceitando a influência dos seus pares (Morton, 2020).

¹⁵Um dos três grandes dramaturgos da Grécia Antiga, ao lado de Sófocles e Ésquilo (Konstantinos,2005).

Olavo de Carvalho também afirma que, na retórica, o ouvinte é chamado de juiz, uma vez que dele se espera uma decisão, uma sentença, um voto. Aristóteles admite três tipos de discursos retóricos: O forense, o deliberativo e o de louvor. Em todos estes o ouvinte é chamado a decidir, seja sobre a culpa ou inocência de um réu, sobre a utilidade ou nocividade de uma lei ou sobre os méritos e deméritos de alguém. (Carvalho, 2013).

Em síntese, o discurso retórico se aplica de forma prática à Doutrina de Operações de Informação, mais estritamente ao campo das CRIs da perspectiva cognitiva, mas de forma especial às Operações Psicológicas, por meio da propaganda, seu instrumento de excelência. Dentro da propaganda, o discurso não deve ser construído em cima de uma ideia qualquer, mas precisa se alicerçar em uma ideia-força que tenha uma estreita ligação com o sistema de crenças do público alvo de tal forma que, ainda quem sem todos os dados e sem a possibilidade de agir baseado em uma verdade irrefutável, o público alvo tenha a sua vontade movida pela emoção induzida pelo retor.

3.3 O DISCURSO DIALÉTICO E A CONTRAPROPAGANDA

No contexto das Operações de Informação, não podemos nos prender somente na capacidade de influenciar o oponente nas suas ações, mas há também a necessidade de proteger a nossa Dimensão Informacional. Em situação de conflito, amplia-se a nossa vantagem se mergulhamos o inimigo em uma névoa de incertezas informacionais ao mesmo tempo em que protegemos a integridade das nossas informações. Desta forma, a Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles nos apresenta um terceiro discurso que insere um componente de probabilidade ao discurso retórico.

Segundo Olavo de Carvalho, o discurso dialético mede por meio de ensaios e erros a probabilidade maior ou menor de uma tese ou crença, não simplesmente por meio de uma concordância do ouvinte como no discurso retórico, mas segundo as exigências superiores de uma racionalidade (Carvalho, 2013).

O discurso dialético não tem o intuito como o retórico de persuadir, mas antes chegar a uma conclusão tida como razoável por ambas as partes (Carvalho, 2016),

como dito em suas próprias palavras: “O discurso dialético não defende um partido, mas investiga uma hipótese” (Carvalho, 2013, p.33).

Em suma, o discurso dialético tende a elevar o nível de credibilidade da verossimilhança para a probabilidade. Neste discurso uma ideia deixa de se assemelhar à verdade e passa a ter as características de uma verdade provável, o que por si a qualifica como um instrumento para a atividade, que se contrapõe à propaganda do oponente e que doutrinariamente chamamos de contrapropaganda¹⁶.

No entanto, Payot afirma que: “Há uma enorme distância entre o assentimento puramente formal e a fé eficiente e instigadora de atos” (Payot, 2018, p.50). O autor continua a explicar em sua obra “A educação da vontade”, que há uma maior inércia no assentimento da inteligência do que dos sentimentos, fazendo com que a flutuação emocional seja sempre mais intensa e ágil do que a mudança de conceitos intelectuais que, por sua vez, tem ao seu favor a perenidade em contraposição à efemeridade das emoções.

Pelo supra exposto surgem dois grandes desafios referente ao discurso dialético aplicado às Operações Psicológicas, às Atividades de Comunicação Social e aos Assuntos Cíveis. O discurso dialético requer que o ouvinte se comprometa a seguir a lógica do argumento e que aceite como verdadeira as sentenças que ele não possa refutar logicamente, e faz-se necessário também encontrar um terreno comum de onde saia as premissas. (Carvalho, 2013).

O que expõe Olavo de Carvalho já se constitui como uma desvantagem para quem está implementando a contrapropaganda, haja vista que o público alvo, sob efeito da propaganda, pode ter tido sua vontade recrutada pelo discurso retórico do oponente, ou pior, pode ter sofrido ao longo do tempo, inclusive antes do conflito, uma mutação das suas crenças e cosmovisão por um discurso poético continuado do oponente, o que dificulta, sob o efeito das paixões e emoções, que ele possa dar espaço à racionalidade necessária para assimilar a lógica do argumento.

No entanto, resta ainda uma pedra de salvação para a contrapropaganda. Assim como a retórica precisa se apoiar em algo que é aceito e desejado pelo público alvo, a contrapropaganda também deve trabalhar preferencialmente em um campo onde não seja necessário reconstruir completamente a narrativa e construir

¹⁶Conjunto de ações implementadas no sentido de prevenir, neutralizar ou minimizar os efeitos da propaganda inimiga adversa ou oponente sobre o público-alvo. (Brasil, 2015)

todo o edifício de crenças, sob pena de enfrentar muita resistência e perder sua capacidade de influência em relação à influência da propaganda do oponente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Joseph Goebbels¹⁷ liderou a poderosa propaganda nazista fazendo uso do cinema, do rádio e da imprensa buscando por meio do discurso poético e retórico fortalecer o regime de Hitler e desmoralizar os oponentes. A mensagem nazista era preparada para criar uma imagem de fragilidade do oponente e de invencibilidade alemã buscando gerar no público interno a certeza da vitória.

Quanto a propaganda, Goebbels enfatizou a importância da repetição. De forma a solidificar o suporte interno ao regime e também semear a desinformação entre os oponentes, Goebbels era enfático ao afirmar que uma mentira que é contada mil vezes acaba por tornar-se uma verdade (Taylor, 1990).

Os Aliados por sua vez empregaram contra toda essa onda de desinformação várias plataformas de mídias, especialmente transmissões da *British Broadcasting Corporation* (BBC), com o intuito de realizar uma contrapropaganda. Foram criados programas, como *Week in Review*, que analisavam e refutavam as declarações de líderes nazistas. A tática da repetição foi empregada também pelos aliados, tendo sempre em vista que a verdade precisa ser repetida, uma vez que os erros e as mentiras, mesmo que banidas por um tempo, sempre voltam à tona. (Welch, 1983).

Por conseguinte, percebemos na Segunda Guerra Mundial a aplicação do discurso dialético como uma tentativa de neutralização da propaganda. Observamos como os aliados buscavam dentro da mesma chave dos nazistas, desacreditar a propaganda de maneira que, por meio da confrontação de retóricas e aplicando o recurso da repetição, obtivesse uma informação ainda verossímil, mas com maior probabilidade de se identificar com a verdade.

Especialmente entre 2010 e 2020 vimos o extremismo político e religioso fazer uso do terrorismo e explorar a propaganda para recrutar seguidores e espalhar a sensação de medo nos seus adversários, principalmente por meio de plataformas digitais.

¹⁷Joseph Goebbels foi um político alemão e uma figura-chave no partido Nazista, atuando como Ministro da Propaganda do Terceiro Reich de 1933 até 1945. Ele é conhecido por sua habilidade em manipular massas usando propaganda, tendo sido um dos mais devotados e influentes assessores de Adolf Hitler. Joseph Goebbels desempenhou um papel significativo na radicalização da política e cultura alemã durante o regime nazista (Kershaw, 2008)

No contexto do terrorismo nesta década, o grupo conhecido como Estado Islâmico empregou a propaganda como uma ferramenta de Operação Psicológica produzindo vídeos glorificando os atos de terror e prometendo um paraíso utópico para os seus seguidores. Ingram (2016) afirma que essas mensagens eram projetadas especificamente para atingir um público alvo jovem desiludido, dando a eles motivos de esperança, um senso de pertencimento e um propósito.

Para se contrapor a esta crescente ameaça digital, Governos e ONGs intensificaram suas práticas de contrapropaganda apresentando depoimentos de ex-membros arrependidos além de vítimas de ataques terroristas com o intuito de sensibilizar seu público alvo para a ilusão em que estavam sendo seduzidos a entrar. De acordo com Awan (2017) esses relatos expunham a realidade brutal dos grupos extremistas e buscavam desmentir as promessas de um paraíso após a morte para os seguidores destes ideais.

Para dismantelar o discurso extremista, o discurso dialético foi de suma importância. Podemos observar que a técnica do testemunho utilizada pela propaganda serve também como ferramenta para a contrapropaganda no sentido inverso. Enquanto a propaganda utiliza o testemunho para dar autoridade ao seu argumento por uma notoriedade do indivíduo que precede as questões em discussão, na contrapropaganda pode-se utilizar o testemunho às avessas ao expor ao público alvo um testemunho contrário ao apresentado pela propaganda, e este recurso terá inclusive mais força, de acordo com o choque emocional que ela for capaz de produzir no público-alvo, sendo assim capaz de alcançar uma persuasão, que mobiliza a vontade do indivíduo, aos moldes do almejado por um discurso retórico.

No entanto é importante ressaltar, inclusive nos exemplos propostos, a dificuldade que o discurso dialético enfrenta para dismantelar um discurso poético. Por não estar na chave do racional, mas no campo eidético, o discurso dialético enfrenta uma grande dificuldade para se contrapor à uma cosmovisão ou uma cultura estabelecida. Desta forma, podemos afirmar que a melhor contrapropaganda para uma propaganda pautada em um discurso poético é um outro discurso poético que seja capaz de dominar a narrativa.

3.4 DISCURSO LÓGICO OU ANALÍTICO E A DESINFORMAÇÃO

Há ainda um tipo de discurso que chamamos de discurso lógico ou analítico onde, para se chegar à verdade, é necessário partirmos de premissas que sejam evidentes e inquestionáveis. Isso por si já é uma grande dificuldade uma vez que, neste mundo de incertezas, quais premissas podem receber a classificação de inquestionável e claramente evidente?

Desta forma já podemos perceber quão restrito é o ambiente do discurso analítico ou lógico se comparado aos outros três discursos. No entanto, o fato é que o status de inquestionabilidade das premissas não depende da veracidade do fato por si, mas antes da aceitação dessa verdade pelos interlocutores do discurso.

Como uma segunda característica fundamental deste discurso temos a necessidade de um treino lógico especializado por parte do ouvinte. Aquele que ouve um discurso analítico deve ser capaz de acompanhar o raciocínio lógico aplicado na questão de maneira que se parta da mesma premissa universalmente aceita e se chegue efetivamente à mesma conclusão.

No contexto das Operações de Informação, a ciência tem grande relevância, pois é uma matéria que nasceu exatamente na clave deste discurso. Com o advento do Iluminismo no século 18, e a primazia da razão, o discurso lógico ou analítico cresceu em importância. Olavo de Carvalho (2011) afirma que a ciência e o método científico ganharam tanta confiança ao ponto que serviram, a partir de então, para resolver, inclusive, questões filosóficas tradicionais e se tornaram, desde então, como um meio de reorientar a cultura em geral, introduzindo na convivência humana um componente de maior ordem e racionalidade.

De acordo com o Manual de Operações Psicológicas do Exército Brasileiro:

Ao longo do processo histórico, o que se conhece hoje como Op. Psico tem-se constituído em parte importante, crítica mesmo, dos conflitos. As Op. Psico apresentam-se de diversas formas e têm sido chamadas por diferentes nomes, tais como Guerra Política, Propaganda, Guerra Psicológica, Guerra de Nervos, Guerra Diplomática, Guerra Fria, Desinformação, entre outros. (Brasil, 1999, p.11)

Percebemos que as Operações Psicológicas permeiam a guerra desde os primórdios e o seu conceito foi sendo moldado na história, mas destaco neste capítulo o fato que, por antonomásia, as Operações Psicológicas são com frequência chamada pelos seus efeitos, e um desses casos é a Desinformação. É exatamente nesta face das Operações Psicológicas que o discurso analítico ou lógico pode realizar um importante papel. Por almejar chegar naquilo que é

estritamente verdadeiro, o discurso analítico e lógico se reveste de uma grande credibilidade e por vezes a ciência e a metodologia científica pode fazer uso desta credibilidade para que o verossímil se passe por verdadeiro e assim uma desinformação seja plantada.

Durante a pandemia do COVID-19, houve casos notórios de manipulação de dados para o apoio de narrativas específicas. Um desses casos foi confessado pela Dra. Deborah Birx, ex-coordenadora da Resposta ao Coronavírus na Casa Branca, que admitiu em seu livro que alterou dados da COVID-19 e diretrizes do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), sem autorização formal, com intuito de implementar medidas mais rigorosas de combate ao vírus por preocupações com a propagação assintomática. Nesta ação, buscou-se por uma desinformação influenciar as políticas de saúde pública sobrepujando a falta de apoio dentro da administração (Worldwide Speakers Group, 2023).

Segundo Aghekyan e Schafer (2021), a China também fez da pandemia um trampolim para impulsionar narrativas de desinformação, aproveitando-se de *data voids*¹⁸ nos motores de busca na internet para espalhar informações enganosas sobre a origem do vírus, sugerindo, por exemplo, uma conexão com o laboratório de *Fort Detrick* nos Estados Unidos da América. Essas narrativas dominaram os resultados de busca, mostrando como os vazios de dados podem ser manipulados para fortalecer a desinformação em escala global.

Esses dois fatos demonstram como o discurso lógico ou analítico pode ser empregado na roupagem da ciência, da metodologia científica ou do relato de fatos para manipular informações e moldar narrativas, especialmente em situações de crise onde a veracidade dos fatos tem um papel preponderante no planejamento das ações.

Concluída a análise da Doutrina de Operações de Informação das Forças Armadas Brasileiras sob a lente da Teoria dos Quatro Discursos, percebemos que os mesmos se diferenciam essencialmente pelos seus níveis de credibilidade, ou seja, do seu nível de aproximação da verdade. No entanto, entendemos que os discursos formam um corpo único na construção do conhecimento, de tal maneira

¹⁸Conceito utilizado pelos pesquisadores Danah Boyd e Michael Golebiewski para representar situações em que os termos de pesquisas na internet levam à informações limitadas, inexistentes ou profundamente problemáticas e têm poucos resultados associados à ela, tornando a situação vulnerável para a exploração de manipuladores de mídias que tenham uma agenda ideológica, econômica ou política. (Aghekyan; Schafer, 2021).

que não há hierarquia entre um discurso melhor e outro pior, tendo cada discurso sua função no todo do processo epistemológico.

Neste capítulo pudemos realizar os paralelos de predominância de cada discurso na Doutrina, identificando a importância basilar do discurso poético na formação do imaginário do público-alvo, a presença predominante do discurso retórico nas ações de propaganda e na arte da persuasão, a importância do discurso dialético nas ações de contrapropaganda, visando a neutralização das Operações de Informação do oponente na dimensão cognitiva, e por fim trouxemos à baila a questão da desinformação que pode parasitar um discurso analítico e assim moldar narrativas comprometendo o planejamento das ações.

4 ASCENDÊNCIA DO DISCURSO POÉTICO E SUGESTÕES PARA MELHOR APLICAÇÃO DA DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

Após confrontarmos os quatro tipos de discursos com a doutrina de Operações de Informação brasileira, principalmente nas CRIs de Operações Psicológicas, Atividades de Comunicação Social e Assuntos Cíveis, é possível observar que a doutrina preocupa-se, sobretudo, em regulamentar as ações nos níveis táticos e operacionais abordando muito pouco sobre a atuação nos níveis político e estratégico. Desta forma, observamos uma significativa concentração das técnicas de influência e das propagandas no campo do discurso retórico e do discurso lógico ou analítico, e alguma presença do discurso dialético sobretudo na prática da contrapropaganda, o que por natureza traz algumas consequências práticas para os efeitos da aplicação da doutrina.

Conforme abordamos no capítulo passado, o discurso retórico não visa propriamente a verdade, mas a verossimilhança, o que por si só já é uma fragilidade, uma vez que se contraposto a ele um processo dialético, a tendência é que os argumentos mais fracos caiam, em virtude da força preponderante da razão, que tende a rejeitar o que se provou como falso. Por exemplo, na tentativa de convencer o oponente de uma falsa informação, por meio de uma propaganda, de forma que se obtenha por consequência a diminuição da sua vontade de lutar, resta ainda uma grande probabilidade de sucesso para o oponente se ele fizer uso de uma contrapropaganda que use um discurso dialético, que contrapõe à sentença proposta uma série de outros discursos, com o objetivo de anular sua validade ou enfraquecer essa ideia.

Um segundo ponto a ser considerado é que o discurso retórico não visa atingir o âmago da crença do oponente, mas apenas a sua vontade, influenciando-o no nível decisório e não no nível cultural, o que dá uma característica de transitoriedade para o efeito deste discurso, ou seja, o público-alvo se comportará da maneira que o influenciador deseja enquanto este consegue mover suas emoções a favor daquela ação específica, mas no instante que este conseguir operar com reta razão, ele possivelmente mudará sua postura de forma radical para o oposto do desejado, o que pode ser suficiente em operações de curta duração, mas que provavelmente não será eficaz em conflitos longos e duradouros.

Em terceiro lugar, devido às fragilidades de quebra da retórica proposta, há a necessidade de se manter um aparelhamento constante das Operações Psicológicas, Atividades de Comunicação Social e Assuntos Cíveis, que sustente a narrativa proposta, para que diante de uma contrapropaganda por parte do inimigo, seja reforçada a propaganda do nosso partido, e não haja uma quebra da retórica vigente por conta do processo dialético proposto pelo oponente.

Por outro lado, o discurso poético tem tido pouco destaque na doutrina de Operações Psicológicas, de Atividades de Comunicação Social e nos Assuntos Cíveis por alguns motivos que podemos verificar em sequência.

O primeiro deles é que a doutrina volta-se essencialmente para os níveis tático e operacional, onde se tem uma liberdade menor de ação, uma vez que espera-se que haja diretrizes políticas e estratégicas que balizem e limitem as ações.

Moldar um imaginário ao invés de cooptar vontades é uma tarefa bem mais desafiadora, demorada, difícil e com resultados pouco precisos. Isso por si se apresenta como um segundo motivo que justifica o pouco destaque do discurso poético: a dificuldade inerente de objetivar este discurso em uma doutrina.

Para que se utilize o discurso poético na perspectiva cognitiva das Operações de Informação, faz-se mister uma estreita ligação, ainda em tempo de paz, com a sociedade civil por meio do cinema, teatro, televisão e todo tipo de arte, sobretudo a literatura, de maneira que se atue no imaginário do público-alvo e não simplesmente na opinião pública.

A obra de arte e as atividades simbólicas que veiculam pelo teatro, cinema e televisão são o que dão a possibilidade de participação imaginativa em um conhecimento (Mallet, 2021). Atuar de forma poética nas informações é antes de tudo manipular as possibilidades de pensamento e não a probabilidade de optarem pelo nosso discurso.

Ainda em uma terceira observação, verificamos que historicamente as Forças Armadas brasileiras, com destaque para o Exército, foram profundamente influenciadas pela filosofia positivista¹⁹ de Augusto Comte²⁰, filosofia esta que

¹⁹É conhecido como positivismo o paradigma científico baseado na filosofia empírica. No positivismo o fenômeno deve ser definitivamente ou positivamente mensurável. Essa proposição não se aplica somente às ciências naturais, mas também às ciências sociais (Maretha, 2023)

propõe que o conhecimento verdadeiro e útil é o conhecimento científico, baseado em observações e experimentos, seguindo a herança do que anos antes foi também proposto por René Descartes²¹ em um princípio que ficou conhecido como Dúvida Total²² conforme o mesmo cita em sua obra:

Assim, por causa da necessidade que me obriga a isso, assumo, não que tudo o que vejo seja falso, mas que sou levado a não ter nenhuma certeza de nada que seja apresentado a mim por outros meios que não pela luz natural. (Descartes, 1973, p.45)

Obviamente que o descrédito da metafísica nesta atmosfera modernista tem por consequência um descrédito também do discurso poético, dado toda a carga imaginativa, simbólica e artística que este discurso traz na sua essência.

Apesar de todas as dificuldades supracitadas com relação ao discurso poético aplicado à Doutrina de Operações de Informação, nós podemos observar, de acordo com o que foi exposto nos capítulos anteriores, que este discurso tem um poder que transcende o dos outros, uma vez que ele atua no imaginário do público-alvo e não na vontade. Desta forma, agindo diretamente nos alicerces da construção do conhecimento, antes mesmo do filtro da razão, tem maior chance de causar o efeito desejado e de imprimir duração nos seus efeitos.

O discurso poético não está na clave do verdadeiro e do falso, mas sim do existente e do não existente. Assim sendo, quem domina este discurso tem o poder de controlar no imaginário do público-alvo o que ele quer que exista e o que ele quer que não exista, lembrando que só passamos a discutir se algo é verdadeiro ou falso se temos consciência antes que existe.

O discurso poético se faz por meio da literatura, do cinema, da simbólica e da arte, e apesar da dificuldade de extrair resultados claros, objetivos e metrificáveis da sua influência, e da significativa demora para se observar as transformações culturais que ela pode implementar, seus resultados tendem a ser muito mais

²⁰Auguste Comte foi um filósofo francês, considerado o fundador do positivismo. Ele viveu de 1798 a 1857 e suas ideias influenciaram significativamente o desenvolvimento da sociologia e da filosofia da ciência. (Comte,1978),

²¹René Descartes foi um filósofo, matemático e cientista francês do século 17, frequentemente considerado o pai da filosofia moderna. Ele introduziu uma nova abordagem para o entendimento do conhecimento e da realidade, enfatizando o uso da razão como o meio mais confiável para obter conhecimento (Descartes, 2003).

²²O princípio da Dúvida total, também conhecido como dúvida metódica ou método da dúvida é um conceito fundamental na filosofia de René Descartes. Ele enuncia que para se alcançar um conhecimento verdadeiro e válido deve-se começar questionando a veracidade de todos conhecimentos e crenças de forma sistemática, descartando qualquer coisa que possa, mesmo que remotamente, ser motivo de dúvida. A ideia é que ao final reste somente o indubitavelmente verdadeiro (Descartes, 1973).

profundos e duradouros, e exigem um aparelhamento bem menor no nível operacional e tático para manter sua influência por identificação, uma vez que a vontade do público-alvo passa a ser conduzida pela própria consciência do indivíduo, que já foi transformada culturalmente em consonância com os objetivos do influenciador.

Atualmente para que o discurso poético se materialize na doutrina de Operações de Informação, é necessário que se estreite os laços da Comunicação Social, das Operações Psicológicas e dos Assuntos Cíveis nos níveis político e estratégico com a produção cinematográfica e literária nacional, de tal forma que se tenha bem claro quais valores e crenças buscamos que sejam introjetados no imaginário popular brasileiro e do exterior.

De acordo com Stilwell (2020) e Lange (2020), o Pentágono trabalha em conjunto com Hollywood há quase 100 anos com o objetivo duplo de garantir representações precisas das forças armadas e proteger informações sensíveis, desempenhando um papel ativo em como as operações militares são retratadas no cinema e na televisão. Stilwell (2020) ainda argumenta que, de acordo com Roberts, então chefe do Departamento de Defesa para Entertainment Media do Pentágono à época, a missão do departamento é informar e educar o público doméstico e estrangeiro sobre os papéis e missões do Departamento de Defesa.

Desta forma entendemos que as Forças Armadas americanas já trabalham a bastante tempo em consonância com a produção intelectual e cultural nacional, buscando fazer uso do discurso poético como uma via de influência do seu público interno e externo. Vale ressaltar também que os quatro discursos são um caminho necessário do desenvolvimento do conhecimento, de tal forma que mesmo que só demos atenção a um discurso retórico ou a um discurso lógico ou analítico, necessariamente eles se alicerçam em um discurso poético pré-existente, ou seja, a priorização do discurso retórico em nossa doutrina não é simplesmente uma descredibilização do discurso poético, mas uma abstenção de analisar e influenciar o próprio terreno onde construímos a nossa narrativa. Desta maneira, é perfeitamente possível que estejamos correndo o risco, nas futuras operações, de construir uma narrativa retórica em cima de uma narrativa poética já anteriormente planejada pela força oponente.

Neste diapasão podemos entender também que se queremos evoluir na doutrina de Operações de Informação é necessário que as escolas militares abram

mão de uma formação exclusivamente tecnicista e filosoficamente positivista e reinsira a metafísica no pensamento militar, de maneira que alcancemos maior desenvolvimento imaginativo e criatividade, que permite não só um maior entendimento da própria cultura, e conseqüentemente uma maior unidade nacional, mas também uma maior identificação dos seus militares com seus princípios e uma maior capacidade intelectual para também influenciarem o pensamento inimigo quando o cenário político e estratégico exigirem isso.

5 CONCLUSÃO

Ao nos aproximarmos do término deste trabalho, onde investigamos a aplicabilidade da Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles à Doutrina de Operações de Informação das Forças Armadas Brasileiras, com ênfase nas CRIs com influência na perspectiva cognitiva, identificamos o poder que os discursos tem para moldar a apreensão da verdade, por parte do público alvo das Operações de Informação.

Uma vez confirmado este potencial, coube-nos entender por meio da Teoria do Conhecimento, segundo Aristóteles, como acontece o processo de construção do conhecimento na mente humana. Desta forma, percebemos as diferentes fases deste processo, e assim ficou claro como e em que fase cada nível do discurso tem a capacidade de influenciar.

Uma parte significativa do fundamento dos conflitos é a estratégia, e há uma grande discussão dos teóricos na história quanto à dicotomia entre ciência e arte ao se definir em que categoria poderíamos enquadrá-la. Se por um lado a guerra guarda seus pontos de precisão e metrificação, que a classificam como ciência, é inegável que há uma participação significativa e essencial da criatividade e da imaginação, que a qualificam como arte e que guardam um espaço para a genialidade das mentes mais agudas e criativas.

Neste contexto que chegamos a uma constatação chave deste estudo que é o reconhecimento subutilizado do discurso poético dentro da doutrina brasileira vigente. Apesar de seu menor nível de credibilidade, o discurso poético influencia, pela identificação, e tem a capacidade de engajar o imaginário e as emoções, estabelecendo as bases para percepções e entendimentos duradouros em contraposição ao efeito de um discurso retórico. Ao negligenciar este discurso, corremos o risco de perdermos uma grande ferramenta para influenciar a cosmovisão do público-alvo, algo que é crucial para o sucesso, ao longo prazo, das Operações de Informação.

Ao detalharmos cada discurso, notamos que há uma complementariedade entre eles e todos são importantes na construção de uma narrativa. O discurso poético, por exemplo, é basilar e possui um valor inestimável na formação inicial das percepções e na influência sobre as emoções e o imaginário popular. A reintegração do discurso poético nas práticas operacionais não apenas enriqueceria

as campanhas de influência, mas também poderia preencher lacunas onde a estratégia puramente baseada em fatos e na lógica podem falhar no objetivo de moldar as percepções do público-alvo.

Por outro lado, prevalece na doutrina brasileira de Operações de Informação o discurso retórico, que influencia por meio do consentimento e tem sua eficácia a longo prazo comprometida se não for fundamentada em um discurso poético mais profundo ao nível das crenças e valores do público-alvo. Esta é uma área onde a doutrina brasileira poderia inovar, utilizando de uma integração do cinema, televisão, literatura e artes de alta cultura, visando produzir, por meio de um discurso poético, narrativas mais duradouras e menos sensíveis ao pensamento crítico, que precedam e preparem o terreno para uma campanha de persuasão mais direta na clave de um discurso retórico. Desta forma, as propagandas seriam menos sensíveis ao discurso dialético da contrapropaganda do oponente.

O discurso dialético, utilizado primariamente na contrapropaganda, revelou-se também muito importante para a tarefa de dismantelar as narrativas adversárias e construir uma contranarrativa baseada em uma análise probabilística de eventos e declarações. Em que pese o fato da razão aplicada pelo discurso dialético nem sempre ser eficaz contra as emoções que nascem de narrativas formadas por um discurso poético em nível inconsciente, as forças armadas brasileiras poderiam beneficiar-se de uma abordagem mais sistemática e estruturada do discurso dialético, fazendo uso da dialética em unidades especializadas na análise de informações, visando neutralizar campanhas desinformativas.

Finalmente, o discurso lógico ou analítico, embora seja o mais desafiador para ser implementado, devido à sua demanda por rigor e clareza inquestionáveis, serve como o pináculo das operações de informação, consolidando as verdades estabelecidas por meio dos outros discursos e assegurando que a narrativa final seja tanto convincente quanto defensável. Vimos que dado a credibilidade deste discurso, ele se transforma em uma arma perfeita para a desinformação quando o oponente, apesar de poder verificar a lógica do discurso, não tem acesso à verificação das premissas utilizadas. Desta forma, a desinformação acontece não no nível verificável, mas naquele que exige uma suspensão de crenças do público-alvo.

O poder que emana do discurso lógico ou analítico sugere por si só a importância do estreitamento das forças militares com as instituições acadêmicas e de pesquisa, de maneira que aquelas sempre se mantenham na vanguarda do

conhecimento e das metodologias e estejam menos suscetíveis à desinformação com roupagem de ciência.

A integração desses quatro discursos sugere uma abordagem holística para as Operações de Informação, no qual cada discurso não apenas complementa os outros, mas também ampliam sua eficácia e capacidade. Trazer à tona a Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles para o aprimoramento da Doutrina de Operações de Informação não é apenas uma medida disruptiva de aplicação de conceitos da filosofia clássica a uma atividade predominantemente cartesiana, mas expande o campo das possibilidades, e nos permite uma releitura da doutrina, capaz de identificar pontos falhos e esquecidos do funcionamento da mente humana, que podem ser valiosos para alcançarmos o objetivo de moldar as percepções de um certo público-alvo em Operações de Informação que empreguem, sobretudo, a perspectiva cognitiva.

Por fim, este estudo não só confirma a relevância da Teoria dos Quatro Discursos de Aristóteles para uma melhor compreensão das Operações de Informação, mas também fornece um paralelo entre a teoria e a prática. Este estudo serviu também para mostrar o potencial do discurso poético na dimensão cognitiva das Operações de Informação, deixando claro o fato que a doutrina atual não o considera suficientemente nem nas práticas que propõe, nem na formação intelectual de seus militares, dando quase sempre maior ênfase no discurso retórico, que se prova muito útil nos níveis tático e operacional, mas frágeis nos níveis estratégico e político. Se desejamos conduzir as narrativas em uma situação de conflito, é de suma importância entendermos o pano de fundo cultural onde ela se desenrola. Entretanto, a cultura sempre nasce de um mito fundante que impregna o imaginário de uma sociedade, e somente uma formação que mergulhe os condutores do conflito na alta cultura, que rege esse imaginário, será capaz de inserir a dimensão do discurso poético na psiquê dos seus condutores.

REFERÊNCIAS

AGHEKYAN, Elen e SCHAFER, Bret. "**Deep in the Data Void: China's COVID-19 Disinformation Dominates Search Engine Results**". Disponível em: <https://securingdemocracy.gmfus.org/deep-in-the-data-void-chinas-covid-19-disinformation-dominates-search-engine-results/>. Acesso em: 04 de junho de 2024

ARAÚJO, Luis César G. G.; TOLEDO, José Carlos de. **Estratégia em Ação: Um Guia para a Formulação e Implementação de Estratégias Empresariais**. São Paulo: Atlas, 2005.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Organização do texto: Juarez de Oliveira. São Paulo, SP: Saraiva, 1988.

BRASIL. Marinha do Brasil. **Doutrina de Operações de Informação**– EMA 335 (2ª Rev.). Brasília, DF: Estado-Maior da Armada, 2018

BRASIL. Marinha do Brasil. **Manual de Comunicação Social da Marinha** – EMA 820 (2ª Rev.). Brasília, DF: Estado-Maior da Armada, 2021.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Manual de Campanha de Operações de Informação** - EB70-MC-10.213 (2ª ed.). Brasília, DF: Comando de Operações Terrestres, 2019.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Manual de Campanha de Operações Psicológicas** - C45-4 (3ª ed.). Brasília, DF: Comando de Operações Terrestres, 1999.

BARTHES, Roland. **Mythologies**. Paris: Seuil, 1957.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COMTE, A. **Curso de Filosofia Positiva**. Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário Filosófico**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARVALHO, Olavo de. **A dialética simbólica: Estudos reunidos**. Campinas: Vide editorial, 2015.

CARVALHO, Olavo de. **Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos**. Campinas: Vide Editorial, 2013.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 8ª Ed. Organização de Felipe Moura Brasil. São Paulo: Editora Record, 2014.

DESCARTES, R. (1641). **Meditações sobre Filosofia Primeira**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, R. (1641) **Meditações Metafísicas**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DUNKER, Christian. **Paixão da Ignorância: A escuta entre psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FRANCO, Gustavo. **Plano Real: A história da reforma que mudou o Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

GIVENS, David B. **The Nonverbal Dictionary of Gestures, Signs & Body Language Cues**. Spokane, WA: Center for Nonverbal Studies Press, 2002.

KERSHAW, Ian. **Hitler: a biografia**. Tradução de Donaldson M. Garschagen, Pedro Maia Soares e Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KONSTANTINOS, Apostolos. **Euripedes: o dramaturgo da psicologia**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Clássica, 2005.

LANGE, K. (2020). **How & Why the Defense Department Works With Hollywood**. Military.com. Disponível em: <https://www.military.com/off-duty/2020/09/30/how-and-why-defense-department-works-hollywood.html>. Acesso em 22 de junho de 2024.

MALLET, Roberto. **Arte pra quê? o que é uma obra de arte, pra que ela serve, o que é afinal a beleza e o que vcê tem a ver com isso**. Campinas -SP, 2021.

MARETHA, C. (2023). **Positivism in Philosophical Studies**. Journal of Innovation in Teaching and Instructional Media. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org//9e89/639ea6052cf6fe7714717090868f0f2542c9.pdf>. Acesso em 23 de junho de 2024

PORFÍRIO, Francisco. **Metafísica de Aristóteles**. Em Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/metafisica-aristoteles.htm>. Acesso em 22 de abril de 2024.

REIS, Reginaldo Garcia dos. **O ocaso e o renascer da Geopolítica – A força de uma “palavra”?** Em: Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, 2017.

SANCHES, Paulo. **A arte de reinventar heróis: 'Roque Santeiro' e a sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Globo, 2002.

STILWELL, B.(2020). **How Hollywood Films Get the US Military as a Co-Star**. Military.com. Disponível em: <https://www.military.com/off-uty/movies/2020/12/11/how-hollywood-films-get-us-military-co-star.html>. Acesso em 22 de junho de 2024.

TAYLOR, Philip M. **Munitions of the Mind: A History of Propaganda from the Ancient World to the Present Era**. Manchester: Manchester University Press, 1990.

UNITED NATIONS. **United Nations Conference on Environment and Development**. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em:

<https://www.un.org/en/conferences/environment/rio1992>. Acesso em: 27 de julho de 2024.

UNITED STATES ARMY. **Psychological Operations Process Tactics, Techniques, and Procedures**. FM 3-05.301. Washington, DC, 30 August 2007

WELCH, David. **Propaganda and the German Cinema, 1933-1945**. Oxford: Clarendon Press, 1983.

WORLDWIDE SPEAKERS GROUP. **Dr. Deborah Birx Reveals COVID-19 Data Manipulation in New Book, Contradicting Trump Administration**. Disponível em: <https://wwsg.com/speaker-news/dr-deborah-birx-reveals-covid-19-data-manipulation-in-new-book-contradicting-trump-administration/>. Acesso em: 02 de junho 2024.